

DIFICULDADES E SUPERAÇÕES DOS ESTUDOS HUMANISTAS EM ÉRIC WEIL

DIFFICULTIES AND OVERCOMING HUMANIST STUDIES IN ÉRIC WEIL

Aparecido de Assis*

E-mail: cidoassis@gmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0009-0006-7263-4936>

Resumo: Este artigo tem como objeto de análise um texto escrito pelo Filósofo Éric Weil, reunido numa coletânea de Ensaaios e Conferências publicado em 1982. O título original do texto em francês é “Les Études Humanistes leur objet, leur Méthodes et leur sens”. Para Weil os estudos humanistas têm enfrentado muitas dificuldades de serem reconhecidos como Ciência, principalmente a partir do século XVII em que houve a ruptura epistemológica, em que as ciências deixaram de serem gerais e passaram a serem particulares. Foi o caso das ciências físicas, matemática, biologia etc. Com isso, os estudos humanistas tiveram poucas procuras no meio acadêmico, porque não tinham o atrativo econômico defendido pela sociedade moderna. A Filosofia, como parte dos estudos humanistas, acabou ficando em segundo plano nas escolhas acadêmicas. Além domais, a Filosofia sofreu muitos desgastes por parte de governos autoritários que pretendiam a sua retirada do ensino médio e do curso universitário. Quais as dificuldades e superações dos Estudos Humanistas apresentadas por Éric Weil e como essas dificuldades e superações se refletem na Filosofia nos dias atuais? Este é o questionamento chave que propomos para o desenvolvimento do nosso trabalho.

Palavras-Chaves: Estudos Humanistas. Filosofia. Ciências. Éric Weil.

Abstract: This article has as object of analysis a text written by the Philosopher Éric Weil, gathered in a collection of Essays and Conferences published in 1982. The original title of the French text is “Les Études Humanistes leur objet, leur Méthodes et leur sens”. For Weil, humanist studies have faced many difficulties to be recognized as Science, especially since the 17th century when there was an epistemological rupture, in which the sciences stopped being general and became private. It was the case of Physical Sciences, Mathematics, Biological, among others. As a result, humanistic studies had little demand in the academic environment, because they did not have the economic attraction defended by modern society. Philosophy, as part of humanistic studies, ended up in the background in academic choices. In addition, Philosophy suffered a lot of wear and tear on the part of authoritarian governments that intended their withdrawal from high school and university courses. What are the difficulties and overcoming of Philosophy and humanist studies presented by Éric Weil and which has repercussions today? This is the key question we propose for the development of our work.

Keywords: Humanist Studies. Philosophy. Sciences. Éric Weil.

As dificuldades dos estudos humanistas, incluindo aqui a Filosofia, são imensas e muito desafiadoras. Éric Weil em seu artigo “Les Études Humanistes leur objet, leur Méthodes et leur sens” (WEIL, 1982), nos apresenta algumas dificuldades que os estudos humanistas enfrentaram a

* Doutor em Filosofia pela PUC-SP. Professor da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT).

partir do século XVII, quando houve a chamada ruptura epistemológica. As ciências particulares se tornaram independentes, cada uma com seu método e objeto próprios, introduzindo um novo conceito de ciência, tendo como base as comprovações científicas. Com esse novo paradigma científico, os estudos humanistas, dentre estes a Filosofia, sofreram deslocamentos conceituais importantes quando se procurava compreender o que seria efetivamente considerado ciência nos moldes das ciências modernas. Destacavam-se no campo científico as ciências exatas, como no caso da matemática, das ciências da natureza e das ciências físicas, e davam-se pouco destaque aos estudos humanistas como ciências. Com isso a Filosofia como parte dos estudos humanistas, começou a ter pouco valor por grande parte da população. Isso porque as opções dos jovens pelos cursos superiores tinham muita influência do retorno econômico que tais cursos poderiam lhes dar para o seu futuro. As áreas de humanas ficavam em segundo plano, ou quando não havia outra possibilidade acabavam escolhendo as humanas.

Hoje em dia não é muito diferente. Há uma supervalorização em algumas áreas das ciências médicas, como no caso a Medicina, das ciências jurídicas, como no caso o Direito e das áreas da engenharia. No entanto, vale destacar, que os estudos humanistas, como a Filosofia, mesmo não tendo tanto valor por não ser atrativa economicamente, esta continuava e ainda continua viva, e com excelência tanto no âmbito da formação acadêmica, quanto no âmbito das produções científicas.

Alguns jovens que têm optado pela Filosofia, fizeram essa opção porque gostam e admiram o conhecimento filosófico. Neste ponto é preciso notar que mesmo com muitas dificuldades a Filosofia continua forte e com muitas produções científicas de enormes qualidades.

Se recorrermos à história brasileira veremos que a lei 5692/71, a LDB do período militar, havia retirado a Filosofia do ensino médio, colocando em seu lugar disciplinas como Educação Moral e Cívica e OSPB. Com o passar do tempo, em 2008, houve o retorno da Filosofia como disciplina obrigatória no ensino médio com a lei 11.684, mas com a reforma do ensino médio contida na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), aprovada em 2018, novamente a filosofia sofreu cortes profundos, com a retirada de sua obrigatoriedade.

O que Éric Weil tem a nos dizer sobre essas dificuldades enfrentadas pelos estudos humanistas? Que lugar a Filosofia ocupa numa sociedade como a brasileira, em que o ódio e a violência passaram a ocupar os espaços das mídias e das cidades?

Esse artigo tem como propósito procurar refletir, tendo como base esses questionamentos, cujo objetivo é propormos algumas superações, já que no fim das contas, numa alusão à Éric Weil, quando se trata de Filosofia, é o sentido que deve sobrepor o não sentido, a razão que deve sobrepor ao não razoável, ou seja, a razão deve sobrepor à violência.

As dificuldades enfrentadas pelos estudos humanistas

O texto de Weil apresenta as dificuldades que os estudos humanistas enfrentam no período moderno e contemporâneo de se afirmarem como Ciência nos moldes da Matemática, da Física e das Ciências Naturais. As dificuldades começaram a surgir especialmente a partir do século XVII, com uma nova redefinição sobre o que é Ciência. Com o surgimento da modernidade a Ciência deixou de possuir o caráter de conhecimento geral e passou a ser particular. A Ciência como no caso da Matemática e da Física passaram a ter um objeto próprio e um método caracterizado como Ciências Particulares.

O grave problema para os estudos humanistas consistiu naquilo que a sociedade moderna passou a considerar como valores primordiais para a vida humana em sociedade. A sociedade moderna considerou que tudo aquilo que traz o bem estar social, a riqueza e o conforto, são sinônimos de felicidade para o homem. Dessa forma, aqueles valores culturais e morais, deixaram de ser levados em conta. Tudo o que tinha relação com o ser humano, a sua moral, a busca pela felicidade, a sua concepção do bem e do mal se perderam de vista. Intensificou-se o “individualismo possessivo” em detrimento do social.¹ Castelo Branco (2018) diz o seguinte:

Quanto à preocupação acerca da moral, Eric Weil não apenas retoma o significado da educação partindo da compreensão do papel da cultura humanística no contexto em que aquela técnico-científica é hegemônica, mas também da percepção da crítica ao estilo de vida. (CASTELO BRANCO, 2018, p. 995-996).

Foram essas prerrogativas que levaram os estudos humanistas a uma crise existencial. Tal crise se deveu ao questionamento que a sociedade começou a fazer sobre qual importância teria os estudos humanistas para a vida do homem. Que benefício os estudos humanistas trariam para o homem? Nesta questão já vem implícito um preconceito, porque a preocupação do homem moderno está ancorada naquilo que lhe gera benefício. E neste caso o benefício consiste na geração de riquezas e do bem estar social. Também havia a ideia de progresso material e científico, que era uma ideia muito forte nos tempos modernos.

Assim, na sociedade moderna, o progresso é reconhecido como o único valor, os outros são secundários. Em contrapartida, a vida, para ser vivida com dignidade, pressupõe a

¹ Macpherson considera o individualismo dos séculos XVII ao XX ao que ele chama de individualismo possessivo, numa alusão a Hobbes e Locke. Ele afirma o seguinte: “As suposições do individualismo possessivo são apropriadas para uma sociedade de mercado possessivo, porque afirmam certos fatos essenciais que são peculiares àquela sociedade. O indivíduo, numa sociedade de mercado possessivo e humano em sua qualidade de proprietário de sua própria pessoa; sua humanidade realmente depende de sua independência de quaisquer relacionamentos contratuais com os outros, exceto as que são de seu interesse; sua sociedade realmente consiste de uma série de relações de mercado. A Inglaterra, e as outras nações liberal-democráticas modernas, ainda são, no século vinte, sociedades de mercado possessivo” (MACPHERSON, 1979, p. 283).

existência de valores transcendentais que, necessariamente, reconhecem a diferença entre o necessário e o supérfluo” (CAMARGO, 2014, p. 133).

Isso tem levado muitos jovens a desprezarem os estudos humanistas, colocando-os em segundo plano. Notemos o que diz Weil: “os jovens não procurarão pelas humanidades se a sociedade que determina suas perspectivas de futuro não considera os estudos humanistas como úteis, importantes, remuneráveis e materialmente prometedoras (WEIL, 1982, p. 312).

É a própria sociedade que coloca em segundo plano as humanidades, quando ela mesma as considera como inúteis no sentido econômico. O valor é estabelecido por aquilo que gera lucro e gera riqueza material e este tipo de valor não fazia parte dos estudos humanistas.

A sociedade moderna considerava como útil “tudo o que conduz a uma maior riqueza, a uma riqueza mais equitativamente distribuída, a um maior sentimento de segurança, a uma esperança de um meio de vida melhor” (WEIL, 1982, p. 312). O humanista era visto como aquele que não tinha muito a contribuir com a sociedade, ou seja, a sua formação não contribuía com o progresso social e econômico. Desde então, a sociedade passou a ver o humanista como aquele que pertencia à classe ociosa que só prosperava à custa do trabalho dos outros. Na visão do mundo da produção e da organização o humanista “é um parasita” (WEIL, 1982, p. 312).

Essa visão negativa que a sociedade estabeleceu ao humanista é o que levou uma boa parcela dos estudantes a não se sentirem motivados a escolherem os estudos humanistas como opção primordial de suas carreiras universitárias. Basta observar em nossos dias a pouca procura pelos cursos de Filosofia e outros das áreas humanas. Muitas vezes os cursos humanistas não são procurados como primeira opção, mas como segunda. Às vezes há a procura por ser a mais fácil na disputa por uma vaga universitária. Tem-se assim o pouco interesse dos estudantes universitários pelos cursos humanistas.

Com essa visão negativa da sociedade aos estudos humanistas, o que necessariamente se deveria fazer? Seria melhor abandoná-los no nível da pesquisa e da erudição? Ou de nos contentar em transmitir o conhecimento, inútil, mas não destituído de charme, de nossa história, de nossa literatura, de nossa Filosofia? A resposta não é simples. Mesmo porque apesar das inúmeras dificuldades atribuídas aos estudos humanistas, eles sobreviveram ao longo do tempo. Do início do período moderno até nossos dias

os estudos humanistas se encontravam expostos aos ataques provenientes ao mesmo tempo das ciências da natureza e das ciências sociais, uma revolta contra a definição implícita do que é útil e do que não é, estava em via de ganhar terreno em todos os países modernos (WEIL, 1982, p. 313).

A sociedade moderna estava voltada para a riqueza, a segurança e o conforto. Porém, esta lógica social contém um mal que não pode ser conservado. “Ela é destituída de sentido e desumana” (WEIL, 1982, p. 313).

É na percepção da ausência de sentido e de tudo o que é desumano na sociedade moderna que os estudos humanistas procuraram se reabilitar e mostraram sua importância. Nisso há um paradoxo. Ao mesmo em que nas universidades há um desprezo pelos estudos humanistas, há também uma revolta antirracionalista em que seus líderes são provenientes dos próprios departamentos de estudos humanistas. Apresenta-se, portanto, um número de estudantes dos cursos humanistas que se revoltam contra o ensino e a pesquisa objetiva. Tem-se considerado que esses estudantes possuem mais capacidade de analisar a realidade humana que os estudantes das ciências matemáticas, físicas e naturais. As diferenças entre essas ciências e os estudos humanistas podem estar contidas na forma e na metodologia que cada uma adota em suas pesquisas. Por este motivo temos que procurar pelo sentido histórico dos estudos humanistas e de sua definição.

Historicamente se considerava que “um humanista era alguém que estudava a literatura clássica, sabia sua história e tinha um bom conhecimento sobre os grandes pensadores [...]” (WEIL, 1982, p. 314). Não havia concorrência entre as diversas ciências e as humanidades. O cientista era um homem que havia recebido uma educação humanista, mesmo quando ele se revoltava contra ela. A sua inspiração regava-se das fontes clássicas como Galileu, Descartes e Bacon, apenas alguns exemplos. Com o surgimento das ciências particulares esse tipo de situação deixou de existir.

O campo de estudo e de investigação das ciências particulares tinha o caráter da cientificidade enquanto que os estudos humanistas não tinham. Tudo o que se considerava como científico tinha relação com as ciências particulares ligadas à matemática, à física, às ciências da natureza e até mesmo às ciências sociais. Deste modo, houve uma forte tendência “em recusar tudo o que conduz a uma carreira literária ou a um posto de ensino no domínio dos estudos humanistas [...]” (WEIL, 1982, p. 315).

Por sua vez os humanistas lutaram em defesa dos estudos humanistas. Eles procuraram reagir contra um racionalismo matemático e científico, que vinha se fortalecendo no período moderno. Para o racionalismo matemático e científico o conhecimento tinha que ter comprovação científica, teria que seguir um método e um objeto apropriado. Com isso, tudo o que tinha relação com os valores morais, culturais e religiosos do ser humano eram deixados de lado. Tem-se como exemplo a Filosofia e a Teologia que eram questionadas por não terem uma base de sustentação científica. Os estudos humanistas, de um modo geral, não eram vistos como algo seguro do ponto de vista do rigor científico.

Os estudos humanistas jamais deixaram de lado as suas preocupações fundamentais e sempre foram fiéis às suas origens históricas. Este foi um dos fatores da reação dos humanistas contra o racionalismo matemático e científico. Para os estudos humanistas o interesse maior “é o homem, suas obras e seus atos, os modelos que nele se apresenta, e o homem enquanto agente livre” (WEIL, 1982, p. 316). No quadro dos estudos humanistas, “o homem é considerado como a fonte e a origem de suas obras – artísticas, literárias, filosóficas, históricas [...]” (WEIL, 1982, p. 316). Aqui se faz necessário colocar a pergunta fundamental: “Que são, portanto, os estudos humanistas enquanto tais? Qual é seu método?” (WEIL, 1982, p. 319).

Weil afirma: “seja em qualquer domínio, só há ciência tanto quanto há matemática, a situação das humanidades do ponto de vista científico torna-se altamente problemática” (WEIL, 1982, p. 320). Kant já observara em sua *Crítica da razão pura* a dificuldade dos estudos humanistas, exemplo a Filosofia, de se definir como ciência assim como a matemática. A Filosofia, na concepção kantiana, deve seguir outro caminho quando se pergunta: “O que devo saber? O que devo conhecer? O que me é permitido esperar? Quem é o homem?”²

Em Kant sabemos que as três primeiras questões se juntam na última que consiste em saber “quem é o homem?”. A Filosofia, portanto, deve ter como ocupação essencial a compreensão do homem em suas relações consigo mesmo e com os outros. Este é também o campo de ocupação de todos os estudos humanistas. Nos estudos humanistas são observados os fatos históricos, no entanto, esses fatos são dados na estrutura das relações que eles mantêm com outros fatos. Nesse sentido, os estudos humanistas, diferente das ciências exatas, estabelecem critérios que permitem discernir o falso e o verdadeiro e fornecem os meios de criticar as teorias, as afirmações e as construções intelectuais.

Constata-se que, com o avanço do progresso material e científico dos tempos modernos aos nossos dias, as divergências entre as ciências matemáticas, físicas e naturais contra os estudos humanistas não se sustentam mais. Sabemos que as disputas ainda existem, principalmente na prioridade das escolhas de melhores cursos entre os estudantes universitários. Entretanto, as diversas ciências se viram na necessidade de uma interação com os estudos humanistas. Da mesma maneira os estudos humanistas precisam de dados científicos em suas pesquisas.

Nessa interação entre as ciências e as humanidades gerou certo nível de respeitabilidade daquelas em relação a estas. As humanidades exigem rigor científico em suas pesquisas e nos discursos que elas produzem. No caso da Filosofia, podemos dizer que há rigor científico nos discursos que ela produz. Este vínculo que se estabelece “entre as humanidades de uma parte e as

² Essas quatro perguntas são as bases fundamentais da filosofia kantiana. Elas são encontradas na *Logique*, trad. francesa por L. Guillermit, Paris, J. Vrin, 1997, p. 25.

ciências lógicas, sociais e até mesmo naturais do outro é orgânica e indestrutível” (WEIL, 1982, p. 324).

O que possibilitou o progresso científico dos tempos modernos aos nossos dias foi justamente esse vínculo entre as ciências e as humanidades. Temos como exemplo o trabalho arqueológico que presta grande serviço aos historiadores. As ciências fornecem ferramentas às humanidades para que elas possam “dar novas respostas às antigas interrogações, de pôr novas questões, para enriquecer seu saber, para aprofundar sua compreensão da história” (WEIL, 1982, p. 326).

Como dissemos, as humanidades se ocupam das coisas relacionadas ao homem, procurando saber quem é o homem? Neste campo temos a Filosofia que procura por questões “sobre o bem e o mal, sobre o papel que o homem devia ter se quisesse levar uma vida decente e humana, e sobre a natureza, o Estado e o belo” (WEIL, 1982, p. 327). As ciências não têm este tipo de preocupação sobre o ser humano no contexto de sua totalidade. Elas transitam em suas pesquisas de maneira limitada, porque obedecem a um método e a um objeto específico. Weil diz: “Nenhum Físico vota, nem se casa, nem constrói edifício enquanto físico, mas enquanto ser humano” (WEIL, 1982, p. 327).

As Humanidades juntamente com a Filosofia se preocupam com o homem, “mas do homem enquanto ser vivente, que age e tem sentimentos, que é razoável e apaixonado, que é coerente e incoerente” (WEIL, 1982, p. 328). Cada ciência atribui um valor para si mesmo. Por exemplo, o físico continua sendo o que é porque ele atribui um valor à Física. E nesse aspecto há uma diferença decisiva que separa o humanista do físico.

O físico está seguro de que a Física é do mais alto interesse para todos. No entanto, como sabemos, a Física não se ocupa, assim como as outras ciências particulares, do sentido da vida humana. O sentido da vida humana cabe aos estudos humanistas. Com isso, o físico se vê limitado em suas buscas científicas, atendo-se apenas aos interesses que a ciência física lhe propõe. Com os estudos humanistas procuramos compreender tudo o que é humano, “mas como não temos um espírito de uma capacidade infinita, a escolha é e deve permanecer aberta” (WEIL, 1982, p. 329).

O humanista deve ter a liberdade de escolha na apresentação do problema de suas pesquisas. “O humanista escolhe, mas ele escolhe num quadro cultural dado – em seu tempo, para seu tempo e sob a influência de seu tempo” (WEIL, 1982, p. 330). O papel do humanista não é de pôr em questão os valores, mas o valor dos objetos culturais. Ele procura dialogar com seu próprio passado cultural para poder entender o que é característica de sua tradição tal como ela vive hoje. Assim, o seu problema consiste em compreender o passado para poder melhor entender o presente. “Ele encarna a consciência cultural de seu tempo” (WEIL, 1982, p. 331). O seu método para determinar o seu problema essencial não é e não pode ser a dos

discursos coerentes promovidos pelas ciências, da forma como propõe as ciências, porque “nada é definitivo” (WEIL, 1982, p. 332).

Considerações finais

Os estudos humanistas apenas são capazes de propor à humanidade os modelos para uma vida sensata. E nisso os humanistas se diferenciam das ciências particulares. Em relação a isto Weil afirma que “os humanistas não tem nenhuma razão de se sentirem inferiores face às ciências, em que o próprio rigor prova que estas são abstratas – ou seja, que elas apenas consideram os aspectos isolados da humanidade e da realidade” (WEIL, 1982, p. 333).

Já os humanistas são mais profundos, eles não consideram apenas os aspectos isolados da realidade, mas os aspectos gerais. Os estudos humanistas têm em vista a humanização do homem, o estudo dos valores morais e culturais da sociedade e a educação de um modo geral. No campo educativo é posto o problema do sentido da vida humana, este que já foi um problema de nossos ancestrais.

O problema do sentido da vida corre o risco de ser banalizado e esquecido em nossa sociedade contemporânea. As expressões antigas e sagradas como: “liberdade”, “justiça”, “paz”, são depreciadas e não têm mais a significação positiva. Essas expressões caíram no descrédito. Nos entanto, o papel daquele que se envereda pelo caminho dos estudos humanistas consiste em educar os homens reestabelecendo os significados do sentido da vida humana. Porém não cabe ao humanista dar as receitas e muito menos de curar os nossos males morais.

É necessário saber que novas possibilidades podem ser criadas quando tentamos compreender o que somos, o que possuímos e o que queremos ainda possuir. Pelos estudos humanistas compreendemos que nada do que os homens fizeram, pensaram ou criaram está morto. Compreendemos que nossas normas e nossos valores existem e que apenas o humanista possa torná-los conscientes. Eis que os estudos humanistas se fazem presentes na sociedade contemporânea e procuram conscientizar que o homem, mesmo que as rejeitem, tem necessidade desses estudos. Mesmo porque, parafraseando Kant: “O homem só se torna homem pela educação” (KANT, 1984, p. 73).

Há que se fazer a seguinte pergunta desde sempre: Por que será que a Filosofia incomoda tanto o poder constituído? De acordo com Éric Weil o governo tem um importante papel, não apenas como aquele que exerce o poder, mas como aquele que educa os seus cidadãos. Ele difere o governo autocrático do governo constitucional. O governo autocrático deseduca os cidadãos com o uso do autoritarismo e da violência. Já o governo constitucional é o verdadeiro governo que educa os cidadãos, porque sendo constitucional está aliado ao que é razoável.

Weil defendeu a ideia de que o governo autocrático não tem lugar no mundo contemporâneo. Quando o governo age de forma autoritária, esse tipo de governo não tem mais lugar no mundo atual em que vivemos. Isso significa que o autoritarismo vai na contramão da História e não deve ser permitido no mundo em que vivemos. Nesse sentido, compreendemos que todo o nosso esforço consiste em superar essas dificuldades que afetam os estudos humanistas, e dentre esses a Filosofia. O nosso mundo precisa dos estudos humanistas, porque a formação humana e crítica são indispensáveis a todos os cidadãos.

Referências

- ASSIS, A. *Educação e moral: uma análise crítica da filosofia de Eric Weil*. CRV: Curitiba, 2016.
- BERNARDO, L. M. Moral, Educação e Sentido: uma leitura da *Philosophie morale* de Eric Weil. *Itinerarium*, v. 57, p. 3-40, 2011.
- CAMARGO, S. S. *Filosofia e política em Éric Weil*. Um estudo sobre a ideia de cidadania na filosofia política de Éric Weil. São Paulo: Loyola, 2014.
- CANIVEZ, P. *Educar o cidadão?* Campinas: Papirus, 1991
- CANIVEZ, P. “Éducation et instruction d’après Eric Weil: implications sociales, politiques et morales de l’action éducative”. *Archives de Philosophie*, v. 48, p. 529-562, 1985.
- CALLOIS, R. “La violence pure est-elle démoniaque?”. In: *Actualité d’Eric Weil*. Actes du Colloque International, Chantilly, 21-22 mai 1982. Paris: Beauchesne, 1984, p. 213-222.
- CASTELO BRANCO, J. “Eric Weil e o papel da educação humanística no contexto da cultura técnico-científica”. *Revista Filosofia e Educação*, v. 32, n. 66, 2018, p. 991-1025.
- COSTESKI, E. *Atitude, violência e Estado Mundial democrático. Sobre a filosofia de Eric Weil*. Fortaleza: Unisinos, 2009a.
- KANT, I. *Réflexions sur le éducation*. Trad. de A. Philonenko, Paris: J. Vrin, 1984.
- KANT, I. *Logique*. Trad. par L. Guillermit, Paris: J. Vrin, 1997
- KIRSCHER, G. *La philosophie d’Eric Weil*. Paris: Presses Universitaires de France, 1989.
- MACPHERSON, C. B. *A teoria política do individualismo possessivo de Hobbes até Locke*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- PERINE, M. *Filosofia e violência*. Sentido e intenção da filosofia de Éric Weil. São Paulo, Edições Loyola, 1987.
- PERINE, M. *Eric Weil e a compreensão do nosso tempo*. Ética, política e filosofia. São Paulo: Loyola, 2004.
- WEIL, E. “Les Études Humanistes leur objet, leur Méthodes et leur sens”. In: *Philosophie et Réalité*. Paris: Beauchesne, 1982.
- WEIL, E. *Logique de la philosophie*. Paris: Vrin, 1985.
- WEIL, E. *Lógica da filosofia*. São Paulo: É Realizações, 2012.

WEIL, E. *Filosofia política*. Trad. M. Perine. São Paulo: Loyola, 1990.

WEIL, E. *Problèmes kantians*. Paris: Vrin, 1982.

WEIL, E. *Problemas kantianos*. Trad. L. P. Rouanet. São Paulo: É Realizações, 2012.

WEIL, E. “La philosophie est-elle scientifique ?”. *Archives de philosophie*, v. 33, 1970, p. 353-370.